

POEMAS DE JORGE ELÔ**Eu**

Podem me olhar
O tempo que quiserem.
Nada descobrirão
Sobre o que penso.
Nada saberão sobre mim.
Podem me torturar,
Da forma que quiserem
Que ainda assim
Manter-me-ei aqui dentro,
Solitário e sorridente.

E não se enganem.
Mesmo que quisesse
Seria impossível explicar o que sinto.
Seria uma tentativa desastrosa,
Em vão.
Não existem palavras,
Expressões ou metáforas que
Defina o que se passa
Quando fecho os olhos.

Por isso peço que desistam.
Nada pode me arrancar
De mim mesmo.

Inconstante

Nem sempre acordo
Aquilo que fui dormir.
Às vezes sorrindo,
Às vezes fingindo sorrir.

Sigo em frente,
Ansioso com tantos planos,
Completo por sonhos e desejos
Mas vazio pelos desenganos.

E assim, todos os dias
Permaneço perguntando:
Quando vou poder olhar no espelho
E saber quem estou olhando?

Tudo que desejo ao amanhecer,
Bem antes de o sol nascer,
É não continuar me metamorfoseando.

*

O sobretudo

Um sobretudo
Sobre tudo
E sobretudo,
Do frio.

Uma abertura
Na costura.

Uma fissura
No vazio.

E minha
Branca Negra pele
Multicoloriu.

Mas sobretudo,
Sobre tudo,
Um sobretudo
No vazio.

*

Alado

Sinto como se
ao seu lado
eu possuísse asas de
dragão alado.

Asas de anjo vomitado
do céu
por ter-se apaixonado.

Asas resistentes ao sol
feitas de titânio.

Asas que não carrego só
nem sinto-me estranho.

*

Tão linda com cabelos despenteados.

A única janela
Torna-se suficiente para
Que a luz do sol entre.
Invade sem calma, reflete-se
Em milhões de filetes invisíveis,
Rasgando meus olhos que acabaram de acordar.
Resistente, olho ao redor.
Livros de pintura jogados,
Roupas sujas amontoadas,
Garrafão d'água vazio,
Poeira e restos,
Ausências...

No pequeno cômodo em que
Encontro-me,
Mesmo abarrotado
Sem o mínimo espaço,
Sinto estar vazio.
Sinto que falta
A cor gelo
Que de tão branca tem
Visível suas veias.
Faltam os ecos das risadas
Escandalosamente soltas.
Falta o cheiro e a força
Daquela vida
Tão linda com cabelos despenteados.

Levanto-me e preparo o café.
Estico a coluna fraturada,

Volto-me a sentar no colchão,
Acendo um cigarro.

Penso na vida que vive
Lá fora, ávida por envelhecer.
Penso que talvez ninguém
Queria saber o que estamos fazendo
Aqui,
Neste mundo ingrato por tantos mistérios.

Sinto-me estranho, inseguro.
Como não há espelhos,
Imagino como devo estar.
E nesta projeção de mim mesmo,
Estou fora de esquadro,
Como Quasímodo,
Como o Pequeno Senhor Friedman.

O mundo estranhamente
Está sorrindo sem mim.
Está vivendo, multiplicando
Suas neuroses sem mim.
Permaneço despreocupado
Em cima do colchão coberto de esperma e
Ácaros.

Dou uma risada de canto de boca,
Cínica, como quem está para
Reviver.
O tempo de estranhamento
Está para acabar,
Pois alguém tão estranho
Quanto eu

Abre a porta.
Sorri por detrás do seu Ray Ban
E me permite invadir seu corpo
Quente e iluminado.
Ficaremos deitados e sorrindo
O pouco que resta de nossas vidas.
Deixem que matem e morram
Por dinheiro e poder.
Existir somente
Basta-nos!

*

Duff e Brinda

Bem mais próximo do que
Sonhamos ser possível,
Ainda mais intensos e dourados do que
Klimt,
Dispersos, rebeldes e imaturos,
Desbravando o mundo, debruçados na janela,
Arrancando com a mão direita
Os prazeres da mão esquerda,
Sempre renovando nossa capacidade
Infinita de transformação,
Recriação e
Destruição,
Estaremos existindo dia após dia.

Somos bem mais que um casal,
Somos àquilo que pulsa vida
Distante da materialidade do mundo.
Somos o universo que sustenta estrelas,

Que alarga seus buracos negros a cada novo trago de cigarro.
Somos vidas habitadas por minúsculos seres
Que despercebidos carregamos por onde passamos...

Pedaços nossos já multiplicaram,
Estamos indo muito bem
Meu bem!
Basta-nos descobrir o que fazer
Quando já velhos,
Com toda a experiência
De nossa excêntrica existência,
Começarmos a dissipar-nos
Em partículas ínfimas de vida,
Agora sem qualquer poder de decisão
Sobre ir ou ficar.

*

O preço da sinceridade às vezes é a solidão

Se não escrevo mais
Não é por falta de sentir,
Mas porque sinto em excesso.

Os sentimentos estão
Cada vez mais
Complexos,
E as palavras
Cada vez mais
Escassas.

O mundo, o futuro,
As promessas de vida,

O sonho de consumo
Tudo esfumaçado.

Quem sabe amanhã
Ao acordar
Tenha algo
Suspenso sobre minha cabeça.
Algo que me lembre
Tudo que venho esquecendo.
Algo vivo que me ensine
O que é a vida.
E que me faça ver
Que a arrogância de querer ser a si mesmo
Às vezes se perde na homogeneidade
Das multidões.
E que o preço da sinceridade
Às vezes é a solidão.

Se não escrevo não é porque
Deixei de sentir,
E sim porque venho diluindo-me
Cada vez mais
Na normalidade moral,
Social, sexual, material
Desta sociedade
Tortuosa e torturante.